



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista de Luiz Costa Lima

Entrevista realizada em dezembro de 2000, por Evando Nascimento. O contexto foi o da conferência, seguida do lançamento do livro de Luiz Costa Lima *Mimesis: Desafio ao pensamento*, no Centro Murilo Mendes.

Disponível em:
<http://www.revistapotesi.ufjf.br/volumes/9/cap01.pdf>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

P - Como o Sr. vê o lugar da teoria da literatura na atualidade em face de outras disciplinas, não só de Letras como das Ciências Humanas em geral?

R - A teoria da literatura teve, entre as décadas de 1960 e 1980, sua fase recente mais gloriosa. A Alemanha e a França foram suas propulsoras e algumas universidades norte-americanas seu grande centro de difusão e irradiação. No caso francês, ela tinha contra si o espírito *sorbonnard*, com seu método tradicional de comentário de texto e contextualização histórica. Barthes, seu grande nome e exceção, tinha contudo a seu favor o interesse profundo de figuras fora da Universidade, como Maurice Blanchot, e de filósofos, a exemplo de Foucault, Deleuze e Derrida. Mas o próprio Barthes era um *escritor*, antes interessante por suas intuições do que por suas análises propriamente ditas. Por isso sua difusão nos Estados Unidos, embora tenha sido considerável, nunca foi comparável à de um Derrida ou de um Foucault, o primeiro sobretudo estimulado pelas afinidades com Paul de Man, um emigrado belga que se tornara professor de Yale. De Man tornar-se-á então responsável não só pela difusão do questionamento da literatura sobretudo por Derrida, como ele

próprio criador de toda uma geração de *scholars* americanos de primeira qualidade. Quando então se descobre em 1988, já estando De Man morto, que ele fora, durante a Segunda Guerra Mundial, um anti-semita feroz e favorável ao nazismo, arma-se um terrível escândalo; os inimigos da reflexão teórica, concentrados nos Departamentos de Inglês, encontram o pretexto para reivindicar o lugar que vinham perdendo e os chamados “desconstrucionistas” perdem muito do prestígio que tinham. (Será preciso a respeito decisivo consultar o *On Paul de Man Wartime Journalism* (1989), que se seguiu à publicação fac-símile dos artigos que De Man publicara nos jornais belgas entre 1939 e 1943 – *Wartime Journalism, 1939-1943*, editados em 1988). Esse impacto negativo à reflexão teórica irá se refletir também sobre a segunda grande fonte teorizante: a frente alemã, representada pela tradução tanto dos textos de Jauss, Iser e Peter Szondi, como de filósofos ou já mortos como Benjamin e Adorno, ou ainda atuantes como Hans Blumenberg. Por iniciativa de um ex-aluno de De Man, Wlad Godzich, a University of Minnesota teve um papel saliente nessa divulgação por editar a coleção *Theory and History of Literature*. Em consequência, a teoria da literatura passava a desempenhar um papel renovador não só nos departamentos de literatura comparada de certas universidades, como entre sobretudo antropólogos como Clifford Geertz e M. Taussig. Seria longo explicar que aspectos ou fenômenos eram então destacados. Basta acentuar a questão sobre a *referencialidade* da palavra ou o papel da linguagem na construção do relato, ambas, mas sobretudo a segunda, pondo em questão a posição do antropólogo- apenasobservador. Na sociologia e na história, essa influência era menor ou, pelo menos, foi muito menos relevante. – Quando emprego o verbo no passado, não quero dizer que toda essa renovação tenha desaparecido, mas apenas que já não tem o caráter intenso que tinha então. Há uma série de teóricos norte-

americanos (ou sediados em universidades norte-americanas) – lembro assystematicamente os nomes de Shoshana Felman, Suzan Buck-Morss, Rainer Nägele, David Wellbery, Hans Ulrich Gumbrecht, Wlad Godzich, Alexander Gelley, Geoffrey Hartman) que continuam suas teorizações, embora já não mais sob a luz dos *media*. E o mesmo se diga do que se passa na antropologia ou, mais recentemente, com a obra, já conhecida no Brasil, de Zygmund Bauman. Ou a continuação do trabalho de tradução e interpretação do russo Mikhail Bakhtin ou de Walter Benjamin. Em suma, teoria, passado o momento de sua “onda”, desempenha um papel na boa formação oferecida por algumas universidades americanas. Em troca, na França, ao desaparecimento de Barthes corresponde que o interesse teórico se resume à obra em continuação de filósofos como Lacoue-Labarthe ou do italiano Giorgio Agamben. Na Alemanha, à morte de Jausss – para não falar do escândalo aberto nos seus últimos anos de vida pela descoberta de que participara da tropa de elite (aSS) do exército alemão –, à aposentadoria de Iser e doutros grandes fundadores da Universität Konstanz, ao suicídio de Szondi e à morte de Bumentberg, corresponde a diminuição de nomes decisivos. Eles entretanto existem, a exemplo de K. H. Bohrer e W. Menninghaus. A presença destes autores e doutros assegura uma presença forte da reflexão teórica. – Todo o contrário do que se dá entre nós, onde a linha de cunho sociológico serve de respaldo para a pobreza dos “estudos culturais”. Mesmo assim entretanto destacaria o aparecimento de nomes novos como o de Márcio Seligman ou a continuação do trabalho sério de um João Adolfo Hansen, de um Alcir Pécora e a ensaística de Haroldo de Campos. Mas aqui não se pode falar em irradiação da importância da reflexão teórica para outras áreas. A nossa pobreza a respeito não é diferente do que se passa em toda a América Latina.

P - Literatura e filosofia têm disputado espaço no campo do saber ocidental desde suas origens. Essas antigas disciplinas e seus respectivos objetos permanecem ainda hoje em conflito? O que elas teriam a dizer no mundo da virtualização tecnológica?

R - Não sei o que filosofia e literatura têm a dizer sobre a virtualização tecnológica, mesmo porque o tema não me tem interessado. Preferiria encarar a questão por outro ângulo: ao passo que no século XIX e na primeira metade deste, literatura e filosofia se viam como áreas separadas, a força da teoria tem estado na reaproximação destas duas áreas. É claro que contra sua reaproximação trabalha o espírito da especialização. Alguém, digamos, que seja um especialista em Kant ou Montaigne, saberá pontualmente muito mais sobre estes autores do que alguém que procure aproximar Montaigne, por exemplo, do ceticismo, ou Kant da questão abstrata. Mas, em vez de tentarmos convencer os especialistas, parece-me preferível trabalhar essa reaproximação, mesmo que sem esperança de que ela interesse a muita gente. Noutros termos, levar a sério nosso trabalho exige que saibamos lidar com a solidão. (Entre nós, ela não tem apenas cem anos).

*P - A **mímesis**, o fator produtivo da arte em geral e mais especificamente da literatura, tem sido o objeto das mais acirradas controvérsias, a começar com a interpretação negativa que lhe deu Platão e com a leitura positiva de Aristóteles. De modo geral, os pensadores se debruçam mais sobre Aristóteles do que sobre seu mestre Platão para discutir essa problemática. Por que motivo?*

R - A resposta parece simples: porque Platão, embora ele próprio fosse um *escritor*, concedeu à *mímesis* um papel secundário, se

não a viu como algo a ser apartado do Estado ideal, enquanto Aristóteles, muito embora não houvesse pensado em introduzir a questão da *mimesis* no desenvolvimento da Ciência Primeira, a Metafísica, deu condições – lamentavelmente pouco aproveitadas desde sua redescoberta no Renascimento – para que se pensasse com profundidade na questão. Apenas acrescento: não creio que o reinvestimento na questão da *mimesis* nos reconduza à concepção aristotélica. Em formulação esquemática: a *mimesis*, embora nunca se confundisse com a reprodução do dado, se mantinha dentro do campo da *physis*, mesmo que antes explorando sua potencialidade (*energeia*) que sua face atualizada (*ergon*). Ou seja, Aristóteles tinha uma *concepção* orgânica da *mimesis*, quando, para nós, se trata de vê-la em sua face produtiva, i.e., de criação de um objeto que não se *explica* por um similar dado na realidade, senão que produz algo antes não dado. Isso poderia ser visto pela leitura de “Meu Tio o Iauaretê” do nosso Rosa – ao longo da narrativa, o onceiro, por sua própria linguagem, vai-se transformando em onça. Veja-se a diferença com o tratamento habitual: neste se descreveria simplesmente tal transformação. É àquela transformação interna que chamo *mimesis da produção*.

P - Em que momento exatamente a questão da mimesis passou a lhe interessar como matéria de pesquisa e associada a que outros problemas? Por que o retorno a uma temática já tratada em diversos livros seus?

R - Quando a questão da *mimesis* começou a me interessar: no final dos anos de 1970, quando era sobre mim mais forte o estruturalismo de Lévi-Strauss e mantinha (como mantenho hoje) minha posição de homem de esquerda, procurei entender a *mimesis* em Cassiano Ricardo como meio de concretizar sua ideologia conservadora, senão reacioná-

ria. Cheguei a dois resultados: (a) não precisava falar em *mímesis* para chegar a esse resultado, (b) verifiquei que a *mímesis* implicava a presença de um vetor que não encontrava paralelo nas análises sociológicas: o vetor *diferença*, diferença quanto ao dado, fossem valores ou percepções. Daí no *Mimesis e modernidade* haver começado a explicar o fenômeno da *mímesis* como aglutinação de dois vetores contraditórios: semelhança e diferença. Se a semelhança decorre do horizonte cultural do autor e do leitor, a diferença é introduzida pela *forma*. Por ex., sabemos que Céline foi anti-semita e pró-nazi. Mas se lemos seu *Viagem ao fundo da noite* (*Voyage au bout de la nuit*), verificamos que o romance não é semelhante à sua posição política. Sua posição política está lá, mas a forma estabelece uma reação, digamos, química. Só o exame concreto dos exemplos poderá torná-los mais claros do que posso fazer nesta exposição esquemática e abstrata. Por que retorno à questão em *Mimesis: desafio ao pensamento?* Também por duas razões: (a) o tratamento que apresentei tanto no livro de 1980, quanto em *Vida e mímesis* me pareceu mais deficiente do que eu poderia fazer; (b) porque se tratava de ao menos insinuar que a *mímesis* não se resume à arte mas está presente em cada ato de nossa vida. (O que não significa que, na arte e na vida, a *mímesis* atue do mesmo modo).

P - De que maneira a interpretação da mímesis depende do gênero do discurso?

R - Outra vez, a resposta será demasiado abstrata. Sua interpretação varia de acordo com o tipo de discurso porque o leitor ao se postar diante de um livro, digamos, de história da literatura, sabe de antemão que não há de lê-lo como se estivesse diante de um poema. Com isso, possivelmente, será mais difícil para ele entender como no historiador a *mímesis* se manifesta. Ou

seja, o historiador poderá considerar seu objeto modelando-o de modo trágico ou cômico ou... rotineiro. Estes são esquemas miméticos. Por que? Porque o próprio da *mimesis* é estabelecer, a partir do horizonte de expectativas do autor e do leitor uma correspondência entre um fenômeno e o objeto que se produz. Tal correspondência significa que entre o que vemos e pensamos (ou elaboramos) opera um esquema, que é cultural, mas não consciente. Esse é apenas o começo da explicação. Mas, se o leitor o tiver compreendido, estará no bom caminho.

P - Os estudos culturais – no rastro das intensas modificações sofridas pela literatura comparada, primeiro no mundo anglo-saxão e mais recentemente em diversos países – vem assumindo um papel que durante quase todo o século XX pareceu pertencer à teoria da literatura. Em sua opinião, qual seria o saldo negativo e qual o positivo dessa “nova” metodologia?

R - Tenho dúvidas que os estudos culturais estejam assumindo o papel que coube à teoria. Duvido porque os estudos culturais normalmente se apresentam... sem qualquer teoria; são guiados ou por um motivo político – frequentemente justo, como a discriminação que sofrem os homossexuais, o tratamento desigual concedido às mulheres ou às pessoas de cor – ou pelo impacto de temas da atualidade. As boas intenções, contudo, mesmo quando sejam boas, não asseguram bons resultados. Podem até garantir o interesse do público, mas intelectualmente as questões não avançam. Os estudos culturais normalmente supõem uma sociologia amadorística e uma leitura grosseira da literatura. Qual o saldo positivo? Bem, creio que ele seja raro, mas quando haja estará em mostrar que o fenômeno literário não é apreendido por uma mera análise formal. Pois a análise formal não capta a integridade

da forma. A forma, como já se disse há bastante tempo, é o que há de social na obra. Saber mostrá-lo, contudo, não pode ser feito apenas com boas intenções e amadorismo.

P - O Sr. foi o introdutor das teorias alemãs contemporâneas no Brasil, mais especificamente a teoria do efeito estético de Wolfgang Iser e a estética da recepção de Hans-Robert Jauss. Qual o legado desse pensamento que redimensionou o papel do leitor no horizonte dos estudos literários?

R - Meu interesse maior sempre foi por Wolfgang Iser, de quem tenho a honra de haver sido ou o tradutor ou o responsável por traduções de livros seus. Jauss era um excelente leitor e um excelente historiador da literatura. Mas nunca teve uma dimensão teórica. Por isso mesmo a teoria da recepção com facilidade recai em uma mera análise sociológica – do tipo como nos anos de tanto a tanto tal obra foi interpretada.

*P - Em sua obra existe muito pouco diálogo com o pensamento francês contemporâneo. No entanto em **Mimesis: desafio ao pensamento** há todo um capítulo em que o Sr. dialoga com Gilles Deleuze. Por que o silêncio e por que agora essa “conversa”? O diálogo irá se expandir para com a obra de outros autores como Jacques Derrida, Michel Foucault ou Roland Barthes?*

R - Não, sempre tive em conta o pensamento francês recente. Nunca dialoguei com Barthes porque, como já disse, nele reconhecia um escritor fino, com capacidade de estimular linhas de reflexão diferenciadas, mas não propriamente um analista de qualidade. O pensamento francês recente aparece mais visivelmente no meu último livro – não só Deleuze, mas também Foucault que é

criticado – porque passou a me irritar a recepção *colonizada* que eles passaram a ter. Destaquei Deleuze exatamente porque é um “inimigo” poderoso. I.e., alguém em que se há de pensar muito para rebatê-lo, ao mesmo tempo que se aprende bastante em justificar a divergência com ele. Quanto a Derrida, devo dizer que meu combate em favor de se reinvestir na *mímesis* – não digo em retornar às velhas idéias sobre a *mímesis*, as quais me parecem deformar a riqueza da *mímesis* – é implicitamente um combate contra o seu desconstrucionismo. Veja, por exemplo, o curto “Epílogo” e me diga se aí não se encontra muitas das teses difundidas por Derrida. O importante entretanto está no seguinte: o debate intelectual se diferencia do debate político porque no debate intelectual o “adversário” tem outro significado: escolhê-lo é um ato de reconhecimento de sua importância; de que o respeitamos. Por exemplo, no interior deste meu último livro a presença de Heidegger é maior que a explicação de seu nome. É mesmo porque dele discordo que com ele aprendo.

P- Sabe-se que Descartes e Kant muito contribuíram para a consolidação de um possível conceito de sujeito moderno. O homem dito ocidental, se ele tem alguma unidade conceitual, seria mais devedor de Descartes ou de Kant?

R - Possivelmente, terá sido mais devedor a Kant. Mas a questão interessante é que me parece que tanto a propósito de Descartes quanto de Kant se postula uma concepção de sujeito – o sujeito como uno, solar, dono de suas representações – que não leva em conta a possibilidade de neles encontrar-se uma outra concepção de sujeito: a do sujeito cindido, fraturado, incapaz de saber exatamente as representações que tem ou faz. O entendimento dessa questão no *Mímesis: desafio ao pensamento* é central. Só a partir da idéia de um sujeito fraturado podemos bem entender

porque a *mimesis* não se confunde com a intenção do criador e porque seu produto não se confunde com o que vemos. Como se diz no livro: a maçã de Cézanne não se confunde com a maçã que comemos. Acrescente-se: não se pensa que Cézanne cogitara dessa diferença ou que a diferença em que pensara seja aquela que encontramos em seu quadro. Produto de um sujeito fraturado, a *mimesis* não só é independente de seu sujeito como tampouco é uma coisa ali, diferente das coisas do mundo. Como se acrescenta no livro: depois de ver a maçã de Cézanne, o receptor tem condições de *ver* a maçã-que-come doutro modo.

P - Como o Sr. vê o estado geral de nossa Universidade dentro da política neoliberal do governo de FHC? Existe sobrevivência nela viável para o professor, intelectual ou escritor?

R - Vejo-a da maneira mais pessimista possível. Por isso mesmo procuro responder ativamente a todas as propostas que levem a mudá-la. Pois a culpa da debilidade de nossa Universidade não é só do governo mas também dos que a compõem: professores e alunos. Em consequência, a sobrevivência intelectual nela se torna pouco viável. Mas, para quem exerceu toda a vida a profissão de professor, a solução só pode ser a de torná-la outra vez habitável. É por isso mesmo que procuro responder às perguntas que você me faz. Sei que é difícil entender minha proposta de repensar a *mimesis*, porém sua compreensão só será impossível para quem ou se recusa a pensar ou se contenta em repetir o que já pensou (lá fora).

P - Qual o interesse que o Sr. veria na crítica literária atualmente diante das novas gerações de escritores?

R - Normalmente o escritor, e isso não é de agora, tem um interesse apenas pragmático na crítica: se ela fala bem ou mal de seus livros. É muito raro um escritor de preocupações culturais amplas. Um Goethe, um Thomas Mann, um Kavafis, um João Cabral sempre foram exceções.

P - Haveria um porvir para a literatura no “admirável mundo novo” que se abre para o próximo milênio?

R - Sinceramente não sei. Talvez a resposta não esteja pronta mas sim dependa de nosso empenho. E isso se conseguirmos formar um número razoável. Não podemos esperar grande estímulo dos *media*. Os programas Mi ntelectuais de nossa TV chegam às vezes a dar vergonha. Ao contrário, se descobirmos um modo de motivar professores e alunos de modo a torná-los menos burocráticos, menos rotineiros pode ser que tenhamos uma oportunidade. Mas o problema da literatura não se resume ao “admirável mundo novo”. É a universidade enquanto tal que está em crise. É ela, em geral, que precisa se repensar. Nossa diferença é que essa auto-reflexão por parte de nossa universidade é extremamente rarefeita.